

## O DETETIVE DO ROMANCE POLICIAL: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO

Fernanda MASSI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Partindo de uma análise semiótica dos elementos constituintes da narrativa policial, analisamos os romances policiais mais vendidos no Brasil no século XXI, tendo como objeto de estudo a figura central desse tipo de texto, o detetive. Apresentamos as características desse sujeito e estabelecemos uma comparação entre o modelo de detetive, representado por Auguste Dupin, criado por Edgar Allan Poe, e as equipes de investigação compostas pelos detetives dos romances policiais contemporâneos. Nosso objetivo é mostrar o modo como o detetive foi descentralizado na narrativa policial, sem, no entanto, descaracterizar o papel actancial destinado a esse sujeito.

**Palavras-chave:** Detetive; Equipe; Papel actancial.

**RESUME:** Ce travail a fait une analyse sémiotique des éléments qui constituent le récit policier à propos des romans policiers plus vendus au Brésil pendant le XXI<sup>e</sup> siècle, ayant pour objet d'étude la personnage central de ce type de texte, voilà le détective. Nous exhibons les caractéristiques de ce sujet et nous comparons le modèle de détective, qui a été représenté par Auguste Dupin, le protagoniste des contes policiers de Edgar Allan Poe, et les équipes d'investigation formés par les détectives des romans policiers contemporains. Notre but est montrer comment le détective n'a plus mis en lumière dans le récit policier, sans, pourtant, changer le rôle actanciel qui a été destiné à lui.

**Mots-clés:** Détective; Equipe; Papel actanciel.

### 1. O detetive do romance policial tradicional

A narrativa policial é um gênero de sucesso incontestável na qual o mote do enredo é o mistério ao redor de um crime de autoria desconhecida, com, no mínimo, uma vítima. O criminoso mantém o anonimato para não ser rejeitado pela sociedade, já que desestruturou a ordem social; surge daí a figura do detetive: um sujeito metódico que trabalha sozinho, com o objetivo de desvendar o mistério e entregar o criminoso a um destinador-julgador, responsável pela punição desse sujeito.

No século XIX, Edgar Allan Poe inaugurou a narrativa policial ao inserir o detetive Auguste Dupin em suas narrativas “Os crimes da rua Morgue”, “O mistério de Marie Roget” e “A carta roubada”. Assim, instituiu-se como figura principal e indispensável a qualquer narrativa “policial” o detetive: “o núcleo central do romance [policial] é o trabalho do detetive no

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP do Campus de Araraquara; bolsista da FAPESP (proc. n° 07-57160/9).

desvendamento do segredo” (Fiorin, 1990, p.94); segredo esse em relação à identidade do criminoso. Esse sujeito, no entanto, não deve aparecer apenas como temática da narrativa, mas sim como núcleo do enredo, como um actante que tem um fazer (a investigação) a ser realizado, para que sua presença dê sentido à trama policial.

Seguindo o modelo de Poe outros autores deram continuidade a esse tipo de texto e criaram detetives tão metódicos e competentes quanto Auguste Dupin. Entre eles, os mais consagrados são Arthur Conan Doyle, que criou o imortal Sherlock Holmes em 1944, e Agatha Christie, que deu asas ao inconfundível Hercule Poirot em 1920.

Segundo Martins (2000), Holmes e Poirot exercem na narrativa policial o papel do *detetive metafórico*, que é o único sujeito do enredo capaz de encontrar, sozinho, a identidade secreta do criminoso. No entanto, eles podem ser auxiliados por *pseudodetetives* ou *auxiliares do saber*, os *detetives metonímicos*, representados, por exemplo, pelo Dr. Watson e por Hastings, respectivamente.

Por ser uma personagem indispensável e essencial ao romance policial, o detetive dos romances policiais tradicionais, manipulado por um destinador-manipulador – um sujeito ligado à vítima ou a polícia – que se julga incapaz de encontrar o culpado, é sempre bem sucedido ao realizar sua *performance*, ou seja, ele encontra e puni o criminoso.

Assim como a estrutura do romance policial, a caracterização dos detetives dos tradicionais é rígida, metódica, tornando-os extremamente coerentes ao realizarem suas ações, mas não previsíveis, já que sempre surpreendem o leitor com uma nova descoberta e o modo de fazê-la. Além disso, os romances policiais tradicionais são, em sua maioria, de Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, de modo que os detetives também não variavam muito.

Entre os romances policiais contemporâneos mais vendidos no Brasil no século XXI há autores variados e, conseqüentemente, detetives diversificados. Nos romances de mesma autoria, porém, os detetives são os mesmos, já que os autores mantêm os protagonistas para criar um universo de personagens, que pode ser reconhecido em diversas obras.

## **2. O detetive dos romances policiais contemporâneos mais vendidos no século XXI**

Em nossa pesquisa de mestrado, da qual este artigo faz um recorte, analisamos os vinte e dois romances policiais seguintes: *O colecionador de ossos*, de Jeffery Deaver; *Hotel Brasil*, de Frei Betto; *O céu está caindo*, de Sidney Sheldon; *Código explosivo*, de Ken Follet; *Uma janela*

em *Copacabana* e *Perseguido*, de Luiz Alfredo Garcia-Roza; *Morte no seminário*, *O farol* e *O enigma de Sally*, de Phyllis Dorothy James; *Agência número 1 de mulheres detetives*, de Alexander McCall Smith; *O vingador*, de Frederick Forsyth; *O código Da Vinci*, de Dan Brown; *O enigma do quatro*, de Ian Caldwell; *Os crimes do mosaico*, de Giulio Leoni; *A rosa de Alexandria* e *Milênio*, de Manuel Vázquez Montalbán; *Mosca-Varejeira*, de Patrícia D. Cornwell; *Mandrake, a bíblia e a bengala*, de Rubem Fonseca; *O último templário*, de Raymond Khoury; *Gone, baby, gone*, de Dennis Lehane; *O homem dos círculos azuis*, de Fred Vargas; *Brincando com fogo*, de Peter Robinson. Trata-se dos romances policiais mais vendidos no Brasil nos oito primeiros anos do século XXI – que corresponde às listas publicadas no *Jornal do Brasil* no período de janeiro de 2000 a fevereiro de 2007.

Ao analisarmos essas obras em comparação aos romances policiais tradicionais, notamos inúmeras mudanças. A que mais se destaca por ser decisiva para uma alteração nesse tipo de texto é a descentralização da figura do detetive. Nos romances policiais contemporâneos, o detetive profissional, metódico, lógico e racional, foi substituído por sujeitos comuns, funcionários da polícia (delegado, inspetor), especialistas em crimes, equipes de investigação, entre outros.

Na época em que o romance policial foi criado, no século XIX, o detetive dos romances policiais tradicionais não pertencia à polícia e a responsabilidade pela resolução dos crimes era entregue a ele, pois a população não confiava nessa instituição e a considerava inábil, sem métodos, excessivamente pragmática, imatura, coercitiva. “Parte-se da constatação de que só pode executar uma ação quem possuir pré-requisitos para isso, ou seja, de que o fazer exige condições prévias. Só pode realizar uma ação o sujeito que quer e/ou deve, sabe e pode fazer” (Fiorin, 1999, p. 7).

Nos romances policiais contemporâneos estudados não existe mais a idéia de que a polícia não é competente e muitos dos detetives pertencem a essa instituição. Dividimos os detetives dos romances policiais contemporâneos em três categorias, quais sejam: 1) *polícia* (que corresponde a 50% do corpus); 2) *amadores* (32%); 3) *detetive profissional* (18%).

Na categoria *polícia* esses sujeitos são manipulados a realizar a investigação por obrigação profissional, queiram ou não fazê-la. Muitas deles não tem a competência necessária para realizar a investigação e, conseqüentemente, demoram a encontrar o culpado pelo crime, o que faz com que o criminoso continue agindo e fazendo novas vítimas.

Exemplo desse tipo de detetive é o Delegado Espinosa, criação de Phyllis Dorothy James, que figura em dois romances da autora que compõem nosso *corpus* de pesquisa, quais sejam *Uma janela em Copacabana* e *Perseguido*. Espinosa trabalha na 12ª Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro nos dois romances. No primeiro, ele tem o dever de encontrar um criminoso que assassina os policiais corruptos e suas amantes, dentro de um determinado grupo pertencente àquela delegacia. Uma das amantes, que é também a assassina, seduz o delegado e o convence de que vinha sendo perseguida pelo suposto assassino. Com isso, Espinosa desvia a atenção da assassina enquanto ela realiza seu trabalho; quando descobre a verdade, porém, já não pode mais capturá-la porque ela havia fugido do país.

Na categoria *amador* incluem-se os sujeitos detetives que têm outra profissão (advogado, repórter) e que jamais haviam realizado uma investigação criminal. Nesses casos é ainda mais nítida, e provável, a incompetência do detetive já que ele não tem experiência com esse tipo de trabalho nem os instrumentos necessários para isso. Hercule Poirot, por exemplo, tinha um repertório de crimes desvendados bastante vasto, o que lhe permitia comparar o modo de agir dos criminosos a fim de encontrar pistas que o levassem ao culpado.

A repórter Dana Evans, do romance policial *O céu está caindo*, é o maior exemplo de *performance* investigativa fracassada. Dana inicia a investigação sobre as misteriosas mortes da família Winthrop por curiosidade e abandona os dois programas televisivos onde trabalha em busca de informações sobre o caso. Ao longo de sua ação, ela encontra inúmeros obstáculos que vão desde os custos pessoais com viagens, hotéis, telefonemas e até ameaças de morte, uma vez que os criminosos percebem qual era o objetivo dela e decidem eliminá-la antes que ela chegue à verdade. Ao final do romance ela só não é assassinada porque o namorado e os colegas de trabalho a salvam; os criminosos, por sua vez, são punidos por um acidente aéreo, o qual não tem qualquer relação com a investigação de Dana.

Enfim, na categoria *detetive profissional* encontram-se os detetives propriamente ditos. Em geral, esses sujeitos trabalham em duplas (casal) ou em equipes, nas quais cada um dos membros fica encarregado de um aspecto do crime: analisar o cadáver, interrogar testemunhas e suspeitos, fazer exames de sangue a partir dos instrumentos utilizados, avaliar a cena do crime, pesquisar os motivos para o assassinato, etc.

Das três categorias estabelecidas para se enquadrarem os detetives dos romances policiais contemporâneos é nesta última que eles são mais competentes e realizam uma *performance* mais

bem sucedida. Isso ocorre não apenas por esses detetives trabalharem em grupo, mas por possuírem as características necessárias ao bom desempenho da função investigativa, como o raciocínio lógico, a capacidade de dedução, a curiosidade, a busca de informações, enfim, eles possuem o *saber-fazer* de um detetive.

Curiosamente, os detetives contemporâneos agem como se precisassem conquistar a confiança das pessoas interrogadas para adquirir informações sobre o crime, e não como se fossem autoridades policiais às quais os cidadãos devem explicações, estando ou não envolvidos no crime. Com isso, eles se precipitam na descoberta da identidade do assassino, movidos pela ânsia de encontrar um culpado, e acusam sujeitos inocentes (*Morte no seminário; Hotel Brasil*), apelam para subornos (*O vingador*) e suplícios (*O céu está caindo*).

Outra característica dos detetives contemporâneos é a chantagem financeira (suborno) em busca de informações sobre o criminoso, a qual jamais era feita pelo famoso detetive Hercule Poirot. No romance policial contemporâneo *O vingador*, a personagem Rastreador paga a um sujeito para obter informações sobre Ricky Colenso, a possível vítima que ainda não foi identificada como desaparecida ou morta. A única ação realizada pelos detetives tradicionais e que também é seguida pelos contemporâneos é o cartão pessoal (de contato), dado pelo detetive às pessoas que interroga, para que elas lhe informem algo, caso mudem de idéia ou se lembrem de algum outro detalhe. Os sujeitos interrogados sempre se apiedam da vítima ou se recordam de algum detalhe importante sobre o crime ou os suspeitos, e resolvem contar isso ao detetive. Mesmo quando a testemunha é assassinada após marcar o encontro com o detetive, mas antes de encontrá-lo – como ocorreu com a secretária Joan Sinisi, em *O céu está caindo*, ele deduz que o assassino ainda está agindo, mesmo ciente da investigação, e tem mais um motivo para persegui-lo, antes que ele cometa novos crimes.

Esses três tipos de detetives contemporâneos indicam uma significativa alteração na configuração desse sujeito. Nos romances policiais tradicionais, a *performance* investigativa se concentrava em um único detetive, o que aumentava a responsabilidade e as ações dele, mas só ocorria porque tal sujeito dava conta disso.

### 2.1 As detetives mulheres dos romances policiais contemporâneos

Outra diferença entre os romances policiais contemporâneos e os romances policiais tradicionais são as mulheres detetives. Nos romances tradicionais as únicas detetives eram a

simpática e velha Miss Marple e Tuppence Beresford, que trabalhava junto com o marido Tommy, ambas personagens de Agatha Christie. Já nos romances policiais contemporâneos há seis mulheres detetives, das quais apenas uma não tem auxílio masculino. Preciosa Ramotswe, personagem de Alexander McCall, é quem melhor representa a incorporação do feminino a essa profissão, fundando a primeira agência de mulheres detetives do país. Trabalhando sozinha, ela enfrenta inúmeras dificuldades na carreira e sofre o preconceito dos clientes por ser mulher. Annie Cabbot, personagem de *Brincando com fogo*, tem um papel importante no romance do qual faz parte, mas trabalha ao lado do inspetor Banks, com quem ela já se envolveu amorosamente no passado.

Outra personagem que se envolve com um membro da equipe de investigação é Amélia Sachs, do romance *O colecionador de ossos*. Amélia é uma policial muito competente, convidada pelo detetive Lincoln Rhyme, um policial aposentado por invalidez após tornar-se tetraplégico, para integrar a equipe que procurava o “coleccionador de ossos”. Trabalhando sempre juntos, eles acabam se envolvendo emocionalmente.

Sophie Neveu, de *O código Da Vinci*, é uma detetive profissional e neta da vítima, Jacques Saunière, um estudioso da obra de Leonardo Da Vinci. Robert Langdon também era amigo da vítima e estava sendo acusado pelo assassinato por ter um encontro marcado com Jacques no mesmo dia, minutos antes do crime. Sophie recebe ajuda de Langdon na investigação e encontra o verdadeiro assassino, livrando o colega da prisão, após serem perseguidos ao longo de todo o enredo.

Outra detetive de nosso *corpus* de pesquisa é Dana Evans, personagem de *O código explosivo*, a qual foi citada ao tratarmos dos detetives amadores. Ao contrário das outras mulheres, Dana não é uma detetive profissional, mas sim a repórter principal de um telejornal. Por fim, Tess Chaykin, personagem do romance *O último templário*, também não é uma detetive profissional e inicia a investigação por estar no local do crime, o Museu Manoukian, no momento em que homens vestidos de cavaleiros templários e montados a cavalo saquearam um codificador antigo. Tess desempenha o mesmo percurso de Dana: parte em busca do criminoso sozinha (embora a polícia soubesse de seu trabalho) e quando estava à beira da morte foi salva pelo namorado. Ela encontrou o assassino e o codificador roubado, mas ele fugiu e o objeto foi destruído após cair de um penhasco.

A partir desses seis romances, podemos delinear a imagem que esses enunciadores traçam

da mulher realizando a *performance* do detetive. *Agência número 1 de mulheres detetives* aborda as dificuldades encontradas pelas mulheres na profissão, incluindo a discriminação sexual. Em *Brincando com fogo*, Annie Cabbot está lidando com um assassinato, mas conta com a ajuda de um homem durante a investigação; Amélia Sachs também encara um assassinato e tem o auxílio de toda a equipe de investigação, tendo um papel secundário no grupo, embora indispensável. Por fim, os dois últimos romances “femininos” comprovam a idéia de que as mulheres não são capazes de lidar com um assassinato sem auxílio masculino. Dana Evans e Tess Chaykin realizam, sozinhas, uma investigação extremamente mal sucedida e perigosa. Ao final, são salvas pelos namorados, como se essa fosse a única solução para reparar os erros que cometeram.

### **3. O novo modelo de detetive do romance policial**

Ao longo deste artigo, mostramos o quanto e de que forma os detetives dos romances policiais contemporâneos se diferenciam dos detetives dos romances policiais tradicionais. A primeira e mais marcante característica é o fato de os detetives tradicionais não serem pessoas comuns, ou seja, eles eram considerados – pelo narrador, pelas outras personagens e pelo leitor – sujeitos extraordinários, dotados de uma inteligência extrema, uma capacidade lógica fora do comum, pois eram capazes de ver o que ninguém mais via.

Nos romances policiais contemporâneos os detetives são pessoas comuns porque não possuem nenhum talento ou dom para a investigação. Quebrando todas as regras dos detetives tradicionais, os contemporâneos não precisam trabalhar como detetives profissionais, podem integrar a polícia, podem ser amadores e realizar a primeira investigação e, ainda, podem ser representados por mulheres. Assim, eles integram o rol das personagens secundárias e só saem dele quando conseguem encontrar o criminoso e, com isso, provar sua competência.

De acordo com o modelo tradicional de detetive, os sujeitos que realizam a investigação não podem ser considerados detetives enquanto não desvendarem o mistério ao redor do crime. Nos romances policiais contemporâneos, porém, muitos dos detetives, especialmente os amadores e as mulheres, não são bem sucedidos em suas investigações, livrando o assassino da punição. Nem assim, esses sujeitos deixam de ser caracterizados, nos romances policiais contemporâneos, como detetives, apenas porque tinham o intuito de encontrar o criminoso e se empenharam para isso, embora não tenham tido sucesso.

Uma vez que a vítima, o criminoso e o detetive encontram-se diretamente relacionados no

romance policial a alteração de qualquer um dos elementos, altera também os demais. Exemplos disso são a mudança no perfil do criminoso, a espetaculização da morte, a ausência de punição ao criminoso, as narrativas paralelas, que descrevem ao mesmo tempo o percurso do detetive e o percurso do criminoso, entre outras características que não foram discutidas neste artigo por não ser esse o tema deste trabalho. Com isso, nota-se que a mudança do sujeito que desempenha o papel actancial do detetive acarreta conseqüências significativas ao enredo e à caracterização do gênero, que sofreu modificações.

### REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. Sobre a Tipologia dos Discursos. **Significação**. Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, nº 8 e 9, p. 91-98, Outubro, 1990.

\_\_\_\_\_. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva. **Delta**. Vol. 15, nº 1. São Paulo. February/July, 1999.

MARTINS, Marcelo Machado. **Narrativa policial**: uma abordagem semiótica. Dissertação de mestrado. São Paulo: 2000, USP.